

## **“A gente precisa acreditar no ser mais deles”: Reflexões sobre ações da Terapia Ocupacional na promoção de saúde mental com adolescentes sob a luz de Paulo Freire**

**“We need to believe at ser mais from them”: Reflections on the actions of Occupational Therapy in promoting mental health with adolescents under the light of Paulo Freire**

**“Nosotros necesitamos creer en ser mais de ellos”: Reflexiones sobre las acciones de Terapia Ocupacional en la promoción de la salud mental con adolescentes a la luz de Paulo Freire**

Recebido: 12/05/2024 | Revisado: 27/05/2024 | Aceitado: 29/05/2024 | Publicado: 31/05/2024

### **Maria Helena de Brito Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0076-5690>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [helena.bsouza@ufpe.br](mailto:helena.bsouza@ufpe.br)

### **Daniela Tavares Gontijo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2117-0143>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [daniela.gontijo@ufpe.br](mailto:daniela.gontijo@ufpe.br)

### **Luana Barbosa Tavares de Sousa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6756-2735>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [luana.tsouza@ufpe.br](mailto:luana.tsouza@ufpe.br)

### **Anderson Gomes Alves da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3398-8184>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [anderson.gomessilva@ufpe.br](mailto:anderson.gomessilva@ufpe.br)

### **Thais Adylla Mota de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0561-9134>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [thais.adylla@ufpe.br](mailto:thais.adylla@ufpe.br)

### **Nadgila Briano Ribeiro**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3250-5930>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [nadgila.ribeiro@ufpe.br](mailto:nadgila.ribeiro@ufpe.br)

### **Lais Fátima Mendes do Nascimento**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1550-0090>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [lais.mendesnascimento@ufpe.br](mailto:lais.mendesnascimento@ufpe.br)

### **Resumo**

A adolescência é um período crucial para o desenvolvimento humano, com impactos nos mais diversos aspectos. Nesse período, ao mesmo tempo em que há uma vulnerabilidade ao desenvolvimento de problemas psíquicos, é também o momento ideal para a implementação de ações promotoras e preventivas em saúde mental. Referenciados pela Pedagogia de Paulo Freire, terapeutas ocupacionais podem desempenhar um papel importante na promoção da saúde mental dos adolescentes. Este artigo tem como objetivo refletir sobre um processo de intervenção da Terapia Ocupacional voltado para a promoção de saúde mental com adolescentes subsidiado pelo referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. Pesquisa documental realizada no banco de dados de um projeto de pesquisa e extensão que desenvolveu intervenções junto a adolescentes do 8º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal da Cidade do Recife, executada em 7 passos e com dados analisados pela técnica da Análise de Conteúdo. Os resultados apresentam aspectos da construção das ações e reflexões sobre a vivência dos princípios freireanos, referentes a materialização dos fundamentos do diálogo, além da discussão dos impactos da experiência para a formação em Terapia Ocupacional. Concluiu-se que atuar na promoção de saúde mental com e para adolescentes é um desafio a ser compreendido sob a ótica da esperança e que desenvolver ações educativas pautadas no diálogo significam mais do que dar espaço a uma metodologia ativa e participativa, é também crer que todos os envolvidos nas intervenções podem transformar sua realidade e serem transformados por ela enquanto seres da práxis que buscam ser mais.

**Palavras-chave:** Adolescência; Paulo Freire; Promoção da saúde; Saúde mental; Terapia ocupacional.

### Abstract

Adolescence is a crucial period for human development, with impacts on the most diverse aspects. During this period, while there is a vulnerability to the development of psychological problems, it is also the ideal time to implement promotional and preventive actions in mental health. Referenced by Paulo Freire's Pedagogy, occupational therapists can play an important role in promoting the mental health of adolescents. This article aims to reflect on an Occupational Therapy intervention process aimed at promoting mental health with adolescents supported by Paulo Freire's theoretical-methodological framework. Documentary research carried out in the database of a research and extension project that developed interventions with teenagers in the 8th year of elementary school at a Municipal School in the City of Recife, carried out in 7 steps and with data analyzed using the Content Analysis technique. The results present aspects of the construction of actions and reflections on the experience of Freirean principles, referring to the materialization of the foundations of dialogue, in addition to the discussion of the impacts of the experience on training in Occupational Therapy. It was concluded that working to promote mental health with and for adolescents is a challenge to be understood from the perspective of hope and that developing educational actions based on dialogue mean more than giving space to an active and participatory methodology, it also means believing that everyone involved in the interventions can transform their reality and be transformed by it as beings of praxis who seek to be *ser mais*.

**Keywords:** Adolescent; Health promotion; Mental health; Paulo Freire; Occupational therapy.

### Resumen

La adolescencia es un período crucial para el desarrollo humano, con impactos en los más diversos aspectos. Durante este período, si bien existe vulnerabilidad al desarrollo de problemas psicológicos, también es el momento ideal para implementar acciones promocionales y preventivas en salud mental. Referenciado por la Pedagogía de Paulo Freire, los terapeutas ocupacionales pueden desempeñar un papel importante en la promoción de la salud mental de los adolescentes. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre un proceso de intervención de Terapia Ocupacional destinado a promover la salud mental con adolescentes sustentado en el marco teórico-metodológico de Paulo Freire. Investigación documental realizada en la base de datos de un proyecto de investigación y extensión que desarrolló intervenciones con adolescentes de 8° año de la enseñanza básica de una Escuela Municipal de la ciudad de Recife, realizada en 7 pasos y con datos analizados mediante la técnica de Análisis de Contenido. Los resultados presentan aspectos de la construcción de acciones y reflexiones sobre la experiencia de los principios freireanos, referentes a la materialización de los fundamentos del diálogo, además de la discusión de los impactos de la experiencia en la formación en Terapia Ocupacional. Se concluyó que trabajar en la promoción de la salud mental con y para los adolescentes es un desafío que debe entenderse desde la perspectiva de la esperanza y que desarrollar acciones educativas basadas en el diálogo significa más que dar espacio a una metodología activa y participativa, también significa creer que todos involucrados en las intervenciones pueden transformar su realidad y ser transformados por ella como seres de praxis que buscan ser *mais*.

**Palabras clave:** Adolescente; Paulo Freire; Salud mental; Promoción de la salud; Terapia ocupacional.

## 1. Introdução

A adolescência é um período crítico do desenvolvimento humano, com rápidas repercussões nos âmbitos físicos, psicossociais, cognitivos, emocionais, sexuais e reprodutivos (WHO, 2019). O Ministério da Saúde brasileiro define como adolescentes os sujeitos com idade entre 10 e 19 anos (Brasil, 2017).

Apesar das repercussões da puberdade serem universais, é entendido que a formação de identidade e consequentemente as visões, compreensões e concepções do e durante o adolecer diferem quanto a inserção dos sujeitos nas diferentes realidades dos diversos grupos sociais aos quais são pertencentes, pois estas propiciam ou não o acesso a experiências e recursos que moldam suas percepções e projetos de vida (Faial et al., 2016; Schoen-Ferreira et al., 2010; Schoen-Ferreira et al., 2003; Assis et al., 2020).

Considerando esta perspectiva, a adolescência se caracteriza como um período vulnerável ao desenvolvimento de problemas psíquicos pois trata-se de uma fase que envolve não somente mudanças físicas, mas também de padrões comportamentais, o que exige dos sujeitos a aquisição de novas habilidades, competências e estratégias socio-emocionais para compreensão e exercício do seu papel no mundo. A combinação destes fenômenos, quando vivenciados em contextos de vulnerabilidade, podem potencializar a exposição a situações de risco a sua saúde mental e a partir disso o consequente desenvolvimento de transtornos depressivos, alimentares, de ansiedade, entre outros (Blakemore, 2019; WHO, 2022; Lamblin

et al., 2017).

Ativamente influenciada pela presença de fatores biopsicossociais interativos, a saúde mental é definida e compreendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como sustentadora da capacidade do ser humano de tomar decisões, construir relacionamentos e moldar o mundo em que se vive, existindo em um ritmo “continuum”, ou seja, “num complexo com experiências que vão desde a um ótimo estado de bem-estar, até estados debilitantes de grande sofrimento e dor emocional” (WHO, 2022, p. 16). Ao longo deste “continuum”, fatores individuais, sociais e estruturais podem integrar-se para proteger ou agravar situações que promovem riscos à saúde mental dos indivíduos, as quais se apresentam e são vivenciadas de diversas formas e estão diretamente relacionadas aos contextos de vida dos sujeitos.

No entanto, além de ser considerada como um período vulnerável ao desenvolvimento de problemas em saúde mental a adolescência é tida como o momento ideal para a realização de ações promotoras e preventivas em saúde. Devido a neuroplasticidade do cérebro e as possibilidades de execução e efetivação neste âmbito, a adolescência se caracteriza como uma fase propícia para o desenvolvimento de práticas promotoras de saúde mental, uma vez que é vista como uma janela de oportunidades dinâmica e promissora para a oportunização de aprendizados que irão repercutir nas demais etapas da vida (WHO, 2019; Balvin & Banati, 2017).

Neste sentido, as transformações e eventos ocorridos nesta fase da vida exigem uma abrangente compreensão das necessidades de saúde deste grupo populacional, considerando os impactos que os determinantes sociais da saúde refletem na qualidade de vida e bem-estar na adolescência (WHO, 2019). Frente a um cenário de urgência quanto a tomada de decisões e produção de estratégias que previnam o agravamento do panorama do adoecimento psíquico e promovam uma saúde mental plena para adolescentes, torna-se imprescindível a priorização de questões relativas à manutenção da saúde deste grupo populacional, as quais estão ligadas diretamente à prevenção e promoção da saúde.

A Carta de Ottawa define promoção de saúde como “um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”, enfatizando que a saúde não deve ser vista como o objetivo de viver, mas sim como um recurso para a vida (WHO, 1986, p.1).

Considerando o cenário de proposições no tocante a práticas de promoção de saúde mental com e para adolescentes, o estudo de Souza et al (2021) identificou que na América Latina, as intervenções nesse contexto voltam-se predominantemente a abordagens grupais, com fundamentação teórica pautada no “reconhecimento de habilidades individuais de enfrentamento baseado no coping e estratégias cognitivas e comportamentais” (p. 257). Diante deste resultado, as autoras questionam a escolha predominante de metodologias focadas nos aspectos comportamentais-cognitivos, expondo que países marginais ao Ocidente ao tentarem formular suas práticas em conformidade aos padrões das agendas universais da Promoção de Saúde, se veem presos a aspectos que não atendem as reais necessidades, geralmente coletivas, que os adolescentes da América Latina demandam.

A Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, instituída por lei no ano de 2024, prevê em uma das suas diretrizes que a realização de ações sob a perspectiva psicossocial no âmbito escolar devem ser construídas sob a perspectiva de abordagens multidisciplinar e intersetorial (Brasil, 2024). Deste modo, além de considerar os fatores culturais e sociais presentes nas realidades locais, torna-se indispensável o planejamento de ações junto a uma equipe diversa, visando a pluralidade de saberes, o aprimoramento das compreensões das demandas trazidas pelo público em foco e a melhoria da qualidade da assistência, propiciada pela fundamentação teórico-metodológica de cada profissão (Barreto et al., 2018). Dentre os profissionais capacitados para execução de ações voltadas à promoção de saúde mental, encontra-se o terapeuta ocupacional.

Segundo a Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais (WFOT), terapeutas ocupacionais possuem “um conhecimento único da ocupação como fator determinante da saúde” (p.2), pois compreendem como as relações interpessoais,

as ocupações e os contextos refletem de forma direta na saúde e bem-estar das comunidades e populações (WFOT, 2019). Segundo Souza et al (2022), a Terapia Ocupacional busca formular práticas de promoção de saúde mental que viabilizem ações que incentivam a autonomia e respeito às subjetividades dos adolescentes, com vistas a possibilitar a construção de reflexões sobre o cuidado em saúde mental nas diversas dimensões, sejam estas individuais, contextuais, sociais e/ou ocupacionais.

Com o processo de expansão da atuação da Terapia Ocupacional, a profissão passa a buscar aproximações com outras áreas de conhecimento que possibilitasse a complexificação das discussões acerca das noções hegemônicas da atuação em saúde e da influência de fatores políticos e socioeconômicos nas ocupações dos sujeitos (Gontijo & Santiago, 2018). Nesse contexto, ‘‘a problematização a partir de abordagens críticas provocou o encontro de terapeutas ocupacionais com a Pedagogia Paulo Freire’’ (Gontijo & Santiago, 2018, p.134). A aproximação da Terapia Ocupacional com os referenciais do educador e filósofo pernambucano Paulo Reglus Neves Freire parte da necessidade de superar as concepções biomédicas e positivistas ainda presentes na profissão (Gontijo & Santiago, 2018).

As produções científicas no cenário brasileiro e internacional que fazem relações entre a Terapia Ocupacional e o referencial Freireano estão em ampliação, sendo que um dos principais focos de investigação deste dialogo se dá no campo da promoção e da educação em saúde (Gontijo & Santiago, 2018; Gontijo et al., 2022). Com vistas à potencialização da participação dos sujeitos na estruturação e desenvolvimento de uma saúde individual, mas ao mesmo tempo coletiva, as práticas embasadas no referencial Freireano buscam contribuir no processo de construção da emancipação dos sujeitos, através da essencialidade do diálogo horizontal entre usuários (educandos) e profissionais (educadores), catalisando visões críticas e reflexivas acerca do contexto o qual se está inserido (Salci et al., 2013).

A teoria e prática proposta por Paulo Freire pode ser utilizada para transformar as visões e as atitudes dos sujeitos frente ao seu próprio processo de saúde e desenvolvimento de qualidade de vida, desde que as ações sejam pautadas no diálogo, no respeito à cultura e aos conhecimentos prévios trazidos pelos participantes destas (Laranjeira et al., 2022; Cerrón et al., 2021). Neste sentido, a utilização do aporte teórico-metodológico de Paulo Freire pode contribuir para a formulação de ações que visem a valorização da autonomia e do protagonismo adolescente, considerando-os não somente como os agentes de sua própria saúde, mas também como multiplicadores de estilos de vida saudáveis em suas famílias e comunidades (Brasil, 2017; Monteiro et al., 2018).

Portanto, considerando a celeridade da compreensão das demandas e formulação de estratégias relativas à proteção e promoção da saúde mental de adolescentes, como também a relevância da atuação de terapêutica ocupacional neste campo este artigo objetivou refletir sobre um processo de intervenção da Terapia Ocupacional voltado para a promoção de saúde mental com adolescentes subsidiado pelo referencial teórico-metodológico de Paulo Freire.

## 2. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma Pesquisa Documental (Kripka et al., 2015; Gil, 2022). Os documentos analisados compõem o banco de dados de um projeto de pesquisa e extensão vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional de uma Universidade Pública, que teve como objetivo geral desenvolver e avaliar as possibilidades da intervenção da Terapia Ocupacional subsidiadas pelo referencial de Paulo Freire no campo da promoção de saúde com crianças e adolescentes.

As intervenções foram realizadas entre os meses de março a novembro de 2022 com 69 estudantes do 8º ano de uma Escola Municipal da cidade do Recife-PE na faixa etária entre os 12 e 15 anos. A equipe era composta por docente e estudantes de Terapia Ocupacional, uma terapeuta ocupacional (estudante de pós graduação) e uma educadora. Estruturado e subsidiado de acordo com a metodologia da Pesquisa-Ação, as etapas do projeto seguiram o seguinte fluxo: 1) Investigação temática; 2) a revisão de literatura, com estudo aprofundado da obra Freireana e planejamentos da intervenção, que ocorreu concomitante à

etapa 1; 3) Implementação das ações educativas através dos círculos de cultura (foco deste artigo).

A utilização do método da Investigação Temática (IT) durante a primeira etapa do projeto objetivou captar informações e compreender o cotidiano dos adolescentes, suas percepções sobre o que é saúde e as relações que estes sujeitos estabeleciam entre a saúde e o envolvimento em suas ocupações cotidianas. Através destes encontros, relatados no trabalho de Marinho (2023), foi possível identificar os desafios enfrentados pelos adolescentes no tocante a rotina durante e no pós-pandemia. Ao longo da IT, os conteúdos identificados foram problematizados pela equipe com os adolescentes, sendo escolhidos, com estes, os temas geradores que seriam abordados nas ações educativas. Neste artigo, direcionamos a atenção a intervenções realizadas para o tema gerador “saúde mental na adolescência”. Durante toda a realização da pesquisa-ação, foram gerados dados qualitativos através de formulários; fotografias; filmagens e transcrição de grupos focais, intervenções e das reuniões da equipe executora e observação participante com registro em diário de campo. Para a realização desta pesquisa documental, foram adotados os procedimentos sistematizados por Gil (2022) em 7 passos.

### Passo 1: Formulação da pergunta e objetivos

O presente estudo foi conduzido pela seguinte pergunta de pesquisa: Como se dá o processo de construção de ações de promoção de saúde mental com adolescentes pela Terapia Ocupacional subsidiado pelo referencial teórico-metodológico de Paulo Freire?

### Passo 2: Identificação das fontes

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram provenientes dos dados gerados nos encontros semanais com os adolescentes e nas reuniões de equipe durante a implementação da ação educativa (etapa 3) voltadas a temáticas relativas à promoção de saúde mental, que ocorreu entre os meses de setembro a novembro de 2022, conforme descrito no Quadro 1.

**Quadro 1** - Síntese da distribuição dos documentos e fontes utilizados na pesquisa.

	Fontes	Formato	Quantidade (n)
Documentos	Diários de Campo	Microsoft Word (.docx)	25
	Roteiros de planejamento	Microsoft Word (.docx)	7
	Áudios das reuniões e suas posteriores Transcrições	Áudios - .mp3 Transcrições - Microsoft Word (.docx)	9 encontros com áudios transcritos de 1h30 a 3h de duração cada.
	Mapas conceituais e/ou Mentais	Imagens digitais (.jpg e .heic)	4
	Relatórios de pesquisa	Adobe Acrobat (.pdf)	2
	Registros fotográficos das intervenções e dos materiais produzidos pelos adolescentes e pesquisadores	Imagens digitais (.jpg e .heic)	~500

Fonte: Autoria própria (2023).

### Passo 3: Localização das fontes e acesso aos documentos

As fontes localizadas e utilizadas no referido estudo foram armazenadas no banco de dados virtual da Pesquisa-Ação, disponíveis para a equipe de pesquisa na plataforma Google Drive e no acervo pessoal da docente coordenadora. É importante pontuar que tanto a estudante (primeira autora) quanto a orientadora deste artigo (segunda autora) participaram da geração dos

dados, sendo que o objetivo proposto para este estudo abarca um dos objetivos previamente estabelecidos no projeto de pesquisa maior (a pesquisa-ação) ao qual este artigo está vinculado. O projeto maior foi aprovado pelo Comitê de Ética UFPE, conforme parecer 3.633.355.

#### **Passo 4: Avaliação dos documentos**

Este passo propõe-se a avaliar a qualidade dos documentos de acordo com 4 critérios, definidos por Scott (2006) e citados por Gil (2022): autenticidade, credibilidade, representatividade e significado. Para a realização dessa etapa, os documentos colhidos e avaliados devem estar de acordo com os critérios supracitados.

Especificamente no que se refere ao critério relacionado ao significado, entre todos os documentos disponíveis, foi realizada a seleção daqueles que dialogam diretamente ao objetivo desta pesquisa. É importante salientar que estão suscetíveis a erros e distorções aqueles materiais que sofreram influências de fatores não passíveis de modificação direta pela equipe durante a coleta (tais como barulhos externos, falas inaudíveis e falhas de gravação), relativas às gravações de áudio e suas posteriores transcrições. Portanto, estes documentos foram minuciosamente avaliados em relação a sua elegibilidade dentro dos critérios elencados pelas pesquisadoras.

#### **Passo 5: Seleção e organização das informações**

Neste estudo, as informações foram selecionadas, considerando a sua relação com o objetivo da pesquisa, a partir da leitura completa do banco de dados disponível. Após a seleção, os documentos foram identificados e organizados temporalmente em uma pasta virtual sendo obedecida uma sequência cronológica para a análise dos mesmos.

#### **Passo 6: Análise e interpretação dos dados**

Gil (2022) argumenta que para a análise e interpretação dos dados na pesquisa documental, quando os documentos são qualificados como materiais escritos, o procedimento mais adequado e utilizado para a realização deste passo é o de Análise de Conteúdo. Neste estudo, dentre as diferentes modalidades da Análise de Conteúdo optou-se pela análise temática.

Tendo como eixo central o tema, a Análise Temática busca comportar relações que são passíveis de serem apresentadas por meio de palavras, frases ou resumos, a partir da descoberta dos ‘núcleos de sentido que compõem a comunicação’ (Bardin, 1979, p.105 apud Gomes, 2021, p.78) e sua presença ou frequência de aparição podem significar algo para o objetivo do estudo (Gomes, 2021). Para operacionalização da pesquisa, a análise dos dados foi realizada em 3 etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Gomes, 2021). As categorias temáticas foram construídas de forma a dialogar e responder ao objetivo proposto para esta pesquisa. Neste sentido, são apresentados dados referentes ao processo de construção das ações, a vivência dos princípios freireanos durante as intervenções e, por último uma síntese avaliativa da experiência vivenciada. Destaca-se que as imagens (fotografias e esquemas presentes no banco de dados) foram utilizadas como ilustrativas e complementares aos materiais textuais.

#### **Passo 7: Redação do relatório final**

Para Gil (2022), o relatório final deve ser escrito consoante a abordagem escolhida pelo pesquisador, sendo este sistematizado no presente artigo. Nos trechos provenientes das transcrições e diários de campo, os adolescentes são identificados por codinomes escolhidos por eles durante a fase da IT e os membros da equipe pela letra E, seguida de um número (E1, E2, etc)

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 A construção das ações

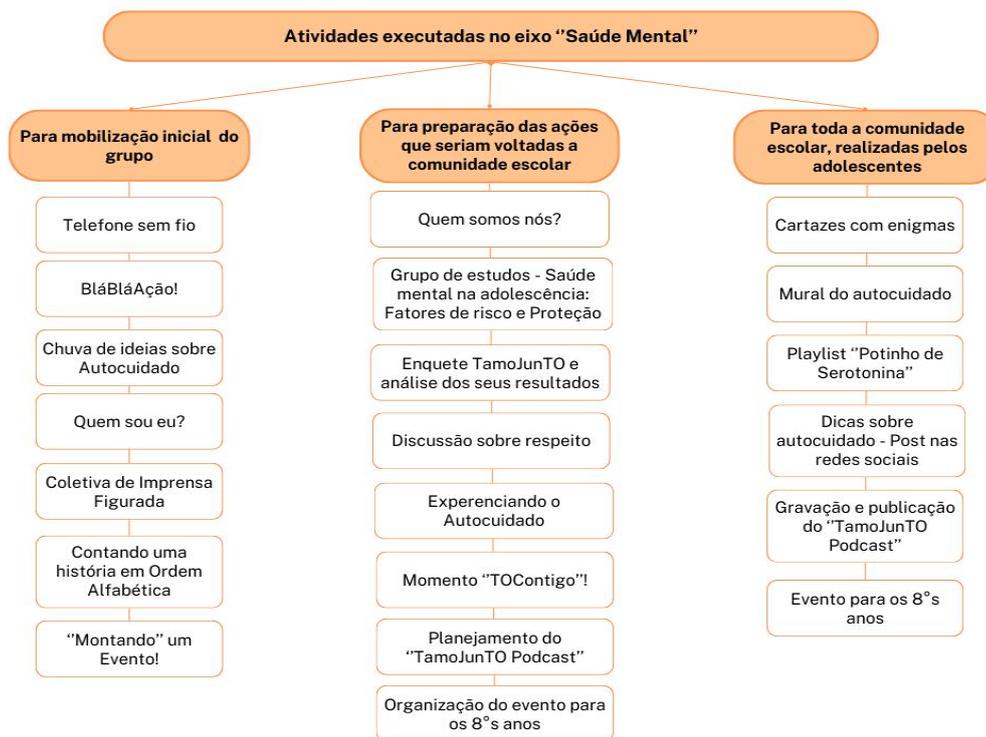
Previamente planejadas pela equipe de extensionistas e construídos de forma coletiva, as ações do Projeto eram norteadas por roteiros de problematização que descreviam as atividades que seriam executadas, quais os referenciais teóricos que as subsidiavam, quais os objetivos e materiais necessários para sua execução e por qual(is) membros da equipe seria mediada. Assim sistematizados, os encontros aconteciam com a frequência de uma a duas vezes por semana, com duração de 2h a 2h30. O ambiente escolhido para as intervenções variava de acordo com a disponibilidade das salas que nos eram oferecidas pela gestão da Escola e logo após a nossa chegada, desmanchávamos as filas formadas pelas cadeiras sequenciadas umas atrás das outras e as distribuíamos em “meia lua”, deixando o ambiente o mais livre possível para facilitação da interação mútua.

Durante o processo de Investigação Temática, os adolescentes elencaram que uma das estratégias possíveis para a promoção de saúde mental seria o desenvolvimento de ações educativas no ambiente escolar, englobando os colegas que não estavam fazendo parte do projeto. Assim, ficou definido que o grupo participante da pesquisa iria, junto com a equipe, planejar e desenvolver ações direcionadas a outros adolescentes. Para a construção destas ações, a equipe de extensionistas buscou desenvolver práticas voltadas a formação dos membros internos ao longo dos encontros, abarcando nas atividades previstas experiências que pudessem subsidiar a formulação das ações que eram direcionadas à comunidade escolar.

Geralmente composto por dois momentos e marcados pela intencionalidade descrita anteriormente, os encontros iniciavam com brincadeiras descontraídas, associadas ao conteúdo que seria debatido com maior profundidade posteriormente, sendo em sua maioria relacionadas aos princípios da Comunicação Não Violenta (CNV) e a vivência do diálogo freireano (conforme discutiremos posteriormente).

De forma interligada e ainda utilizando recursos e estratégias lúdicas, a segunda parte das ações educativas buscava fomentar discussões e reflexões sobre as temáticas elencadas para a tarde, que eram mediadas por uma ou mais atividades ao longo do encontro. As atividades ou “debates do dia”, eram conectadas a temática central que seria discutida naquele encontro, sendo utilizado como recursos jogos, discussões em subgrupos, dramatizações, elaboração e exposição de materiais, entre outras, conforme ilustrado na Figura 1 e descritos detalhadamente no Quadro 2.

**Figura 1** - Síntese das atividades executadas no eixo ‘Saúde Mental’.



Fonte: Autoria própria (2024).

**Quadro 2** – Atividades realizadas no Projeto durante o eixo ‘Saúde Mental’.

MÊS	TEMA	ATIVIDADE	OBJETIVO(S)	DESCRIÇÃO	RECURSOS UTILIZADOS
SET	SAÚDE MENTAL	Telefone sem fio	Favorecer a interação e cooperação grupal para compartilhamento de informações de forma efetiva	Reunidos em grupo e posteriormente organizados em uma fila única, os participantes foram desafiados a repassar uma mensagem muito importante entre si. Entretanto, essa mensagem só pôde ser compartilhada de forma individual, ou seja, através de cochichos no ouvido. A mensagem original foi recebida pela 1º pessoa da fila e repassada sucessivamente até a última pessoa, que revelou a todos qual mensagem foi recebida.	Trava-línguas previamente escolhido pela equipe (impressão em papel ofício A4)
SET	SAÚDE MENTAL	Quem somos nós?	Iniciar a construção, junto com os adolescentes, da proposta das ações a serem desenvolvidas com a comunidade escolar	Construção de um mapa mental junto aos adolescentes sobre o projeto Tamo Junto e como ele seria apresentado à comunidade escolar. Em um quadro branco, colocamos a expressão ‘Tamo Junto’ no centro, buscando o resgate das discussões que tinham sido feitas até o momento. Buscou-se identificar a vivência ou não de princípios do diálogo, e também o que deveria ou não ser construído junto com os outros adolescentes. Para resposta as perguntas norteadoras da discussão (quem somos e o que queremos?), construímos e captamos as compreensões dos participantes sobre saúde mental, partindo assim para pequenos subgrupos de estudo sobre a temática, a fim de subsidiar os próximos passos.	Quadro branco  Pilotos recarregáveis de cores distintas (vermelho/preto/azul/verde)
SET	SAÚDE MENTAL	Grupo de Estudos sobre Saúde Mental na adolescência	Refletir e debater acerca da temática saúde mental do adolescente no ambiente escolar.	Após discussão iniciada na construção do mapa mental, os adolescentes foram direcionados a dividirem-se em subgrupos, partindo para um momento de estudos sobre saúde mental. Com acesso a um conteúdo previamente sintetizado pela equipe, os textos	Material escolhido impresso  30 folhas de papel ofício A4

				<p>foram distribuídos para o grupo e lidos pelos adolescentes, os quais eram questionados pelos mediadores acerca das seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como essas características repercutem no bem-estar dos adolescentes?</li> <li>2. O que prejudica a saúde mental dos adolescentes?</li> <li>3. O que ajuda na saúde mental dos adolescentes?</li> </ol> <p>A partir da discussão, foi proposta a confecção de um cartaz com a síntese do que foi lido e apreendido, tendo como eixos centrais a explanação dos fatores de risco e proteção da saúde mental dos adolescentes presentes nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário (pessoa – família – escola – comunidade) com o apoio dos mediadores.</p>	<p>Materiais de papelaria: caneta esferográfica, lápis, cartaz e marcadores de texto</p> <p>Cartolina</p> <p>Cartaz síntese (com tópicos previamente elaborados)</p>
SET	SAÚDE MENTAL	Enquete TamoJunTO	<p>Construir um instrumento de entrevista (enquete) direcionada para as questões de saúde mental, junto aos membros do projeto para que estes a utilizem com seus colegas da escola</p>	<p>Dispostos em um único grupo, os adolescentes discutiram sobre como poderíamos iniciar a apresentação do Tamo Junto para a escola e como as ações seriam direcionadas. Sugeriu-se a construção de um instrumento em conjunto, onde as perguntas tiveram foco na perspectiva da Saúde Mental, fazendo com que os adolescentes conversassem entre si e com outros colegas da escola que não participam do projeto. As perguntas sugeridas para a enquete foram as seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que você acha que é ter saúde mental?</li> <li>2. Quais fatores facilitam a saúde mental do adolescente?</li> <li>3. Quais fatores dificultam a saúde mental do adolescente?</li> </ol> <p>O que você acha que poderia ser feito para melhorar a saúde mental do adolescente (na escola, em casa, na comunidade)?</p>	<p>Notebook</p> <p>Impressora</p> <p>Papel ofício A4</p>
SET	SAÚDE MENTAL, COOPERAÇÃO E RESPEITO	Blábláção	<p>Promover um momento de descontração e interação entre o grupo;</p> <p>Estimular a utilização de alternativas para se fazer compreendido durante a comunicação;</p>	<p>A atividade consistiu na contação de uma história apenas com “blá blá blá” junto a gestos (mímicas) na tentativa de serem compreendidos pelos seus colegas. Entre 4 histórias elaboradas pela equipe extensionista, 2 delas foram entregues aleatoriamente a trios formados pelos adolescentes que faziam parte de um grupo. No trio, duas pessoas foram responsáveis por repassar a história para uma pessoa que irá contar a história ao grande grupo na língua do blá blá blá, em no máximo 3 minutos. O grupo deve proferir seus palpites ao longo da “blablação”.</p>	<p>Material impresso em papel ofício A4</p>
SET	SAÚDE MENTAL, COOPERAÇÃO E RESPEITO	Análise dos resultados da enquete	<p>Analisar os resultados da enquete e construir possibilidades de ações na escola.</p>	<p>Buscando analisar junto aos adolescentes as respostas que eles colheram dos seus entrevistados, categorizamos o conteúdo das perguntas de forma a instigar reflexões e o planejamento de ações futuras. As respostas da primeira pergunta (o que você acha que é saúde mental) foram organizadas por meio de uma nuvem de palavras, que contará com os termos que apareceram e se repetiram na entrevista. As respostas relacionadas às necessidades de melhorias na saúde mental e na relação com outros adolescentes foram categorizadas em 3 seções de cores diferente (azul, preto e verde) no quadro branco, regidas pelas perguntas abaixo e sintetizadas por meio de palavras-chave:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que temos? (para o conteúdo que estamos a ler)</li> <li>2. O que filtramos? (para o que elencaremos como prioridade)</li> <li>3. O que podemos? (para as</li> </ol>	<p>Notebook</p> <p>Projektor de vídeo</p> <p>Quadro branco</p> <p>Pilotos de cores diversas</p>

				possibilidades de ação)	
SET	SAÚDE MENTAL, COOPERAÇÃO E RESPEITO	Discussão sobre respeito	Discutir as noções de respeito e estimular as reflexões através da construção de tais concepções;	<p>Parte 1: Convidados a dramatizarem situações relacionadas a ações de respeito/desrespeito, os participantes foram divididos em subgrupos e participaram de um sorteio. Através desse sorteio, os adolescentes teriam a oportunidade de interpretar uma das seguintes ocasiões: situações que ocorreram/ocorrem entre adolescentes; com os pais e com os professores.</p> <p>Assim, os participantes foram incentivados a refletir sobre essas situações e posteriormente, dramatizarem tais ações em acordo com os contextos abaixo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>uma vez que os adolescentes foram respeitados;</li> <li>uma vez que os adolescentes foram desrespeitados;</li> <li>uma vez que os adolescentes respeitaram;</li> <li>uma vez que os adolescentes desrespeitaram;</li> </ol> <p>Parte 2: Após as dramatizações, discutiu-se no grande grupo quais as concepções de respeito entre e com os adolescentes, embasadas pelo referencial teórico disponível no “Cadernos Respeitar – Respeito na escola”.</p>	Material impresso em papel ofício A4
SET	SAÚDE MENTAL, COOPERAÇÃO E RESPEITO	Enigma do Cartaz	Incentivar o protagonismo, a criatividade e a coletividade.	Com o intuito de produzir um recurso de introdução a “apresentação” do projeto a escola, criamos um “mistério” sobre a nossa atuação, instigando a comunidade escolar a descobrirem o que é o “TamoJunTO”. Dessa forma, nossos membros foram incentivados a apresentarem ideias do que poderia ser feito para gerar essa curiosidade, compartilhando no grande grupo quais estratégias achavam pertinentes e poderiam ser feitas e expostas na escola. Após a discussão e com a decisão aprovada pelo grande grupo, os/as adolescentes colocaram em prática o que foi discutido (produção de cartazes com enigmas que levavam ao nome “TamoJunTO” e a data do evento), tendo disponíveis em sala diversos materiais (tais como cartolina, papel ofício, canetas) para elaboração do que seria exposto em locais estratégicos da escola.	<p>Cartolinas</p> <p>Materiais de papeleria (tesoura, cola, tintas, etc)</p> <p>Papel ofício A4</p>
OUT	AUTOCUIDADO	Chuva de ideias	Discutir sobre os conceitos de autocuidado, junto aos adolescentes, assim como debater as transversalidades que impactam negativamente e ou positivamente na saúde mental e execução do autocuidado.	<p>Os adolescentes foram convidados a pensar sobre o autocuidado, instigados a responder os seguintes questionamentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Quais palavras remetem ao autocuidado?</li> <li>De que forma essas palavras se correlacionam com Autocuidado?</li> </ol> <p>Estas perguntas nortearam uma discussão sobre o autocuidado na adolescência e quais os fatores que o prejudicam, ressaltando a importância de ter um momento para cuidar de si.</p>	Discussão coletiva em sala – cadeiras em meia lua
OUT	AUTOCUIDADO	Tarde de cuidados	Proporcionar conhecimento sobre algumas formas de auto cuidado e ressaltar os seus benefícios.	<p>Parte 1: Os adolescentes foram apresentados a argila verde e a reflexologia podal, onde os mediadores expuseram suas funções no corpo humano e explicitando seus modos de uso.</p> <p>Parte 2: Em seguida, os adolescentes foram convidados a fazer uma sessão de limpeza de pele, Argiloterapia e reflexologia podal. A sala foi ambientada com luzes baixas e o som ambiente foi tomado por músicas leves e relaxantes.</p>	<p>Argila verde</p> <p>Potes de plástico</p> <p>Palitos de picolé</p> <p>Água potável</p> <p>Hidratante para o corpo</p> <p>Caixa de som</p>

OUT	AUTOUIDADO	Mural do autocuidado	Refletir sobre o autocuidado, sua importância e seus benefícios.	Divididos em dois grupos de até 13 participantes, os adolescentes foram convidados a construir com recortes de revistas e jornais, um mural explicativo sobre ações de autocuidado, inserindo nele múltiplas mensagens sobre as formas de se cuidar. Por fim, os mesmos escolheram um local em consenso com os espaços possíveis para que o cartaz fosse fixado e visto por outros alunos da escola.	Cartolinas  Materiais de papelaria  Jornais e revistas (material impresso)
OUT	RELAÇÕES COTIDIANAS, DIÁLOGOS E PREPARAÇÃO PARA O PODCAST	Quem sou eu?	Promover reflexões sobre as relações estabelecidas no dia a dia, com retomada dos princípios do diálogo e da comunicação não violenta	O “quem sou eu” consistiu em uma atividade em que o objetivo era descobrir de quem o mediador está falando por meio de frases incompletas. No primeiro momento, as mediadoras contaram uma história com vários personagens, os quais possuem características distintas entre si e foram mencionadas antes da contação da narrativa. Após explanação das características e sucessiva contação da história, os adolescentes se dividiram em subgrupos e receberam alguns papéis com imagens que assemelhavam-se a uma conversa de um grupo do whatsapp. A partir disso, os adolescentes ficaram responsáveis por adivinhar quais falas pertenciam a quais personagens, explanando ao grande grupo ao término das nomeações. Ao longo da condução do grupo, as mediadoras indagaram os adolescentes sobre quais eram as características frequentes nos envolvidos na narrativa, quais as repercussões (puxando para a saúde mental e qualidade das relações) e se eles associavam a situações do dia a dia, solicitando apontamentos sobre quais seriam as possíveis formas de resolução destes problemas presentes na história e em suas realidades.	Folhas de papel ofício A4 com as impressões das imagens  Canetas esferográficas
OUT	RELAÇÕES COTIDIANAS, DIÁLOGOS E PREPARAÇÃO PARA O PODCAST	Momento “TOContigo”	Proporcionar uma breve capacitação para os adolescentes sobre os processos que envolvem a criação e produção de um podcast;	Anteriormente introduzidos acerca da possibilidade de fazermos a gravação de um podcast sobre saúde mental na adolescência, as <i>hosts</i> do podcast “TOContigo”, somaram a sua presença em um dos nosso encontros, o qual teve como objetivo repassar a equipe o que é necessário para produzir um Podcast. As convidadas compartilharam conosco suas experiências adquiridas ao longo do desenvolvimento do projeto e basearam sua apresentação nos questionamentos topicalizados abaixo: a) o que é um podcast? b) o que é preciso para criar um podcast? c) como escolher uma tema legal? d) precisa fazer roteiro? (explicar que sim e o porquê é importante) e) que perguntas posso fazer pro meu/minha entrevistado(a)? f) que postura a equipe e a minha plateia devemos ter durante a gravação?	Notebook  Projetor de vídeo  Papel ofício A4  Materiais de papelaria
NOV	PLANEJ. DO PODCAST	Atividade de interação	Promover um momento de interação e de descontração;	A atividade consiste em uma simulação de uma coletiva de imprensa. Os adolescentes foram divididos em 2 grupos, onde 1 foi responsável pela criação de um personagem famoso (ex. jogador de futebol, jornalista, digital influencer e etc.) que irá participar de uma coletiva de imprensa e o outro subgrupo constituiu-se dos jornalistas que foram responsáveis por entrevistar a figura famosa. Na hora de responder as perguntas realizadas, todos que participam de ambos os subgrupos deverão dizer uma palavra cada, até formar a frase da pergunta/resposta. Ambos os subgrupos tiveram 5 minutos para se organizar. O grupo	Papel ofício A4  Materiais de papelaria

				de adolescentes responsáveis pelo personagem utilizará seu tempo para criação do personagem e de suas características, enquanto o grupo dos entrevistadores usou o tempo para formação do perfil do jornalista.	
NOV	PLANEJ. DO PODCAST	Preparação do podcast do TamoJunTO	Realizar o planejamento e preparação para gravação do Podcast;	Explicação da proposta da atividade, que consistiu no planejamento e preparação do podcast que foi gravado na semana posterior. Os adolescentes reuniram-se em subgrupos, onde puderam opinar em consenso sobre o seguimento das etapas previstas para a criação e produção do podcast. Com auxílio de um roteiro adaptado previamente elaborado pela equipe de pesquisadores, o planejamento seguiu os tópicos abaixo: a) Temática central; b) Público alvo; c) Objetivo; d) Nome do Podcast; e) Conteúdo: tópicos que serão abordados no primeiro episódio f) Divisão de tarefas na equipe; g) Produção: escolha de efeitos sonoros, bordão, introdução, etc... Após reunião de ideias, partimos para o compartilhamento dos planejamentos no grande grupo, onde através de um debate e consenso de sugestões os conteúdos resultaram em um único plano de ação que foi colocado em prática no dia da gravação.	Papel ofício A4  Materiais de papelaria
NOV	PLANEJ. DO EVENTO	Montando uma história em ordem alfabética	Favorecer a interação e possibilitar um momento de descontração ao grupo;	A atividade consistiu na construção de uma história onde cada participante da roda disse uma palavra para montá-la. Disposto em um círculo, o primeiro adolescente iniciou a história com a letra "A" e o restante deu seguimento de acordo com a ordem alfabética, podendo utilizar conectivos para facilitar a sua compreensão e montagem.	Discussão coletiva em sala
NOV	PLANEJ. DO EVENTO	Montando um evento	Possibilitar a vivência da organização de um evento de maneira lúdica;	Parte 1: Momento de reflexões sobre as potencialidades que cada um do grupo possuía. Os adolescentes foram convidados a citar uma qualidade do colega que estava ao seu lado na roda. Assim, as mediadoras conduziram a conversa ressaltando que as características de cada um do podem ser utilizadas para organização e planejamento efetivo de uma atividade em grupo.  Parte 2: Após compartilhamento e reflexões sobre as potencialidades de cada participante, os adolescentes dividiram-se em subgrupos de acordo com as características que tinham em comum, tendo como proposta central elaborar o planejamento de uma "confraternização" do "lugar dos sonhos" dos adolescentes (atividade feita no início das ações). Um roteiro foi disponibilizado para auxiliar no planejamento do evento, no qual sugeriu o uso e criação de algumas "comissões" para divisão coerente das tarefas entre os membros. Ao término da organização, os grupos apresentaram suas ideias de planejamento para todos presentes.	Papel ofício A4  Materiais de papelaria
NOV	PLANEJ. DO EVENTO	Organização do evento do TamoJunTO	Organizar e iniciar a preparação do grande evento que será realizado com todos os 8º anos;	A atividade consistiu no planejamento, organização e iniciação da preparação de um evento do Tamo Junto voltado para todos os 8º anos. Para isso, retomamos o objetivo do projeto que foi construído anteriormente, para que o evento fosse elaborado com foco no objetivo previamente estabelecido. Em seguida, de	Papel ofício A4  Materiais de papelaria

				<p>forma coletiva, os adolescentes refletiram sobre as seguintes perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Qual o objetivo desse evento?</li> <li>2) O que será proposto no evento?</li> <li>3) O que não pode faltar no evento?</li> <li>4) Como o evento será construído e organizado?</li> <li>5) Qual será o nome do evento e como ele será divulgado?</li> <li>6) Quais comissões de organização irão ter e quem ficará responsável por elas?</li> </ol> <p>As ideias propostas foram sistematizadas no quadro branco, como também as comissões e participantes de cada uma destas obtiveram sua definição. Após separação das comissões e seus respectivos participantes, estes reuniram-se em subgrupos para iniciar o planejamento das ações que fariam parte do evento, deixando suas ideias e planos registrados para que pudessem ser colocados em prática.</p>	
--	--	--	--	---	--

Fonte: Autoria própria (2024).

Segundo Freire (2020a), a dialogicidade acontece antes mesmo do encontro com os educandos-educadores, ou seja, se inicia no momento em que se planeja o que será proposto para as ações educativas. O autor esclarece que o conteúdo a ser compartilhado não deve ser uma doação, mas sim uma devolução “organizada, sistematizada e acrescentada” (Freire, 2020a, p. 116) do que nos é entregue pelos educandos (adolescentes), buscando assim, através dos planejamentos, esquematizar os passos necessários para que as propostas sejam bem sucedidas e sobretudo, contextualizadas as problemáticas que foram compartilhadas.

Além disso, planejar-se é comprometer-se em exercer uma prática crítica, num movimento dinâmico e dialético entre o que o educador chama de “fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 2020b, p.39) para o fomento a geração do “pensar certo”, que será discutido posteriormente.

A vivência da investigação temática, conforme descrito por Marinho (2023), nos possibilitou compreender o panorama que afligia o dia a dia dos alunos em decorrência da rotina pós pandemia do Covid-19, muitas vezes demarcado por intensas dificuldades de comunicação. Assim, optamos por sintonizar nossas atividades a alguns conceitos relacionados a Comunicação Não Violenta (CNV) durante todo o processo de intervenção. Os princípios da CNV foram utilizados por esta ser uma ferramenta que estimula a expressividade emocional e fortalece conexões entre os indivíduos, de forma que as necessidades de todos sejam atendidas de forma respeitosa e sincera (Aguiar *et al.*, 2021; Menezes *et al.*, 2023).

Com vistas a ressignificar as relações de um ambiente, a CNV incentiva os sujeitos a observarem seus contextos e exercerem relações empáticas, com compaixão e senso de coletividade (Aguiar *et al.*, 2021). Através dela, os diálogos tornam-se criativos, não superficiais e focados nos sentimentos e necessidades dos indivíduos, fato que corrobora com a capacidade desta ferramenta relacionar-se com a Pedagogia Freiriana, que visa a humanização dos seres humanos através da luta contra as opressões. Os princípios da CNV, ao potencializar o desenvolvimento de habilidades que contribuem para o entendimento das problemáticas latentes as realidades presentes, impulsiona os sujeitos quanto a tomada de decisão para promover mudanças efetivas a partir de suas vivências (Menezes *et al.*, 2023).

O incentivo e promoção a formação de grupos de adolescentes para o envolvimento em ações coletivas no ambiente escolar pode contribuir para a ampliação da capacidade de dialogar e construir espaços de suporte social (Araújo & Muñoz, 2020). A escolha pelo desenvolvimento de ações nas quais os adolescentes participariam do planejamento e execução de intervenções com outros indivíduos da mesma faixa etária se baseou na premissa da educação por pares, uma vez que esta se

apresenta como uma estratégia potente que reforça relações entre membros de grupos semelhantes em prol de uma temática relevante a ser discutida (Padrão *et al.*, 2021).

Segundo os autores supracitados, o estabelecimento de processos educativos que formem jovens e adolescentes para atuarem como educadores de seus pares resultam na construção e efetivação de práticas contextualizadas as demandas presentes e que fortalecem os fatores de proteção à saúde. Em consonância a esta reflexão, a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares estabelece a importância da participação ativa dos alunos e alunas como sujeitos do processo de construção da atenção psicossocial na dinâmica da comunidade escolar, ressaltando em suas diretrizes a relevância do exercício da cidadania e do respeito aos direitos humanos na oferta de um cuidado intersetorial em saúde mental (Brasil, 2024)

Para Freire (2020a) é através do rompimento com a lógica bancária da educação é que o aprendizado se torna uma ação mútua, sem dicotomizações entre educandos e educadores. Com a quebra desta divisão, segundo o autor, o educador não é mais somente aquele que educa e o educando aquele que aprende, mas sim ambos, num contexto de partilha de aprendizados, passam a ser sujeitos do processo em que crescem juntos e mediatizados pelo mundo, “se educam em comunhão” (p.96). Portanto, apreende-se que os adolescentes e a equipe extensionista, em razão das decisões que foram tomadas ao longo do processo de intervenção, aprenderam ao ensinar e ensinaram ao aprender, fundamentando-se no diálogo não somente como prática, mas também como método a ser praticado ao longo de toda a efetivação das práticas educativas.

### **3.2 A vivência dos princípios Freireanos: a presença do diálogo, da geração de reflexões críticas sobre a prática e da promoção de autonomia**

Paulo Freire, em sua trajetória de educador-educando, ao dissertar sobre os caminhos necessários para a efetivação de uma educação dialógica e libertadora, apontou alguns elementos fundamentais para que esta pudesse acontecer de fato. O diálogo para o autor é o “encontro dos homens”, mediatizado pelo mundo e adverso à individualidade e dicotomização de pensamentos e ações (Freire, 2020a). É essencial para (re)conquista da pronúncia do mundo e considerado uma “exigência existencial” (Freire, 2020a, p.109), pois é o caminho pelo qual os homens (e mulheres) ganham significação enquanto seres que refletem e agem em busca da humanização e da transformação do mundo (Freire, 2020a).

Ao discorrer sobre o diálogo, o educador nos apresenta, para além da concepção fundante do ato, os pressupostos fundamentais para que este seja gerador da ação e da reflexão, da práxis. Assim, aponta como seus constructos a fé, a humildade, a amorosidade - que geram a confiança -, a esperança e o pensar crítico (Freire, 2020a).

Considerando tal perspectiva, os resultados contidos nesta seção foram sistematizados de forma a apresentar, através dos dados gerados pela intervenção, a materialização destes pressupostos nas ações educativas desenvolvidas categorizando tais evidências de acordo com os fundamentos supracitados.

#### **3.2.1 A fé**

Para Freire (2020a), antes mesmo que o diálogo seja efetivado, a fé já é fator preexistente na sua essência. Não há diálogo sem fé, pois ela se constitui na crença da vocação de “ser mais” dos seres humanos, no seu poder e possibilidade de transformação, fazer e refazer. Segundo o educador, “o homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles” (Freire, 2020a, p.112). Ter fé, sobretudo no processo de intervenção em que a dialogicidade se faz presente, é crer na (re)construção de pensamentos, palavras e ações humanizadoras (Freire, 2020a).

Nas ações desenvolvidas, buscamos materializar a fé no potencial dos adolescentes a partir da validação das opiniões e conhecimentos trazidos pelos participantes e na promoção da crescente participação destes tanto durante as atividades, quanto no planejamento do que seria feito nos encontros subsequentes. Neste processo, buscávamos facilitar o envolvimento

ativo dos adolescentes nas atividades que eles mesmos propuseram, incentivando-os a colocar em prática seus conhecimentos e habilidades na produção de montagens, vídeos e cartazes diversos.

Em dado momento das intervenções - que pode ser ilustrado no trecho abaixo -, pudemos observar o crescente protagonismo dos adolescentes nas ações, que ao estarem tão confortáveis com o processo de produção de um dos materiais, sequer notaram a ausência das mediadoras que os auxiliavam anteriormente.

*Diário de campo – E4: “Os deixamos livres para realizar a pesquisa e mexerem no notebook presente na mesa. No início, pude perceber que estavam “acanhados” para navegar no aparelho, não sei se por desconhecimento no uso do notebook ou vergonha. Porém, quando prestei auxílio em algumas ações e exemplifiquei o uso de algumas ferramentas, no momento em que tivemos de nos ausentarmos por uns minutos, percebemos que o desconhecimento e/ou vergonha deu lugar a um domínio de execução totalmente autônoma, sendo possível ver a desenvoltura independente dos adolescentes quanto a procura e escolha das imagens”*

A percepção dos adolescentes sobre si mesmos e o lugar que ocupam é fundamental para a elaboração de estratégias promotoras de saúde mental, uma vez que há o envolvimento do bem-estar individual e social e sua inserção nas competências recorrentes a saúde pública (Araújo & Muñoz, 2020). Ainda que a maioria das práticas de promoção de saúde e o cuidado em saúde mental seja formulado a partir de uma visão adultocentrada, reforçada pela estrutura social vigente que não valida as opiniões de jovens e adolescentes, Maffeo (2023) e a experiência aqui analisada nos desafia a refletir sobre a perpetuação dessa subordinação, explicitando a necessidade de galgar alternativas e modalidades de intervenção que se utilizem de ferramentas que valorizem e efetivem as contribuições e proposições feitas pelos adolescentes.

Como posto por Cavalcante (2021), adolescentes não devem ser compreendidos como meros espaços a serem preenchidos, mas sim “como sujeitos de suas próprias vidas e coletividades” (p.210). Assim, a fé freireana caracteriza a ida no sentido contrário a vigência da lógica adultocêntrica, uma vez que Freire (2020a) compreende que o poder de transformação e criação é inerente à existência humana, mesmo que estes encontrem-se limitados em razão da vivência de diversas frentes de opressão. A materialização deste pressuposto nos convidou não somente a refletir sobre o impacto deste tolhimento, mas também a impulsionar a recriação, a transformação e a restauração em coletivo daquilo que se encontrava em local de negação: a escuta das demandas, a construção do protagonismo em prol da modificação do contexto vigente e a validação de suas opiniões em um espaço que ainda perpetua fortemente as variadas relações de poder.

### 3.2.2 A humildade

A humildade, para que o diálogo aconteça, deve ser contrária a individualidade e a ignorância. Para Freire, significa o despreendimento da superioridade, do conhecimento absoluto e das ideias pré concebidas acerca de um assunto. É o reconhecimento da necessidade de que para chegada a um objetivo comum, é imprescindível que todos estejam em comunhão na busca do “saber mais” (Freire, 2020a, p.112).

Adotando posturas que buscaram ao máximo desprender-se dos seus pré-conceitos, a materialização de tal pressuposto se deu desde os planejamentos das atividades - que partiam da concepção de que os adolescentes não eram uma “tábula rasa” e o conteúdo trazido iria incentivar o compartilhamento de opiniões diversas, e não limitá-las - até a execução destas, pois através da observação dos diversos perfis presentes nas intervenções, era possível incentivar, perceber e acolher as diferentes formas de expressão e questionamentos que surgiam, sem recriminá-los ou fazer juízo de valor, fato que repercutia na reafirmação da presença da Amorosidade e resultava na Confiança (que serão discutidos a seguir).

*E3: A parte de compreender o que eles têm de conhecimento, o que eles têm de capacidade (...)  
E1: (...) Compreensão dos conhecimentos*

*E7: Não sei como colocar aí, mas acho que a compreensão de que eles não são tábula rasa (...) Que não são zerados, quando chegam na gente.*

Além da adoção de tal postura por parte da equipe, os próprios adolescentes esboçaram e concretizaram o pressuposto da humildade (que se articula intensamente com a fé) por meio da mudança de perspectivas e ideias ligadas aos seus colegas de turma externos ao Projeto. Inicialmente, em muitos dos momentos em que decidíamos sobre alguma atividade ou interação que seria feita para os demais alunos da Escola, alguns adolescentes proferiam afirmações negativas relativas a capacidade de entendimento das nossas ações pelos seus colegas de classe:

*“Saturno: O pessoal é lerdo, não vai entender nada*

*N.I: É, eu também acho (...)*

*N.I: Porque se for botar uma pista complexa o pessoal daqui vai entender não”*

Entretanto, com a vivência e significação das ações, durante uma das discussões sobre as atividades que seriam realizadas com todos os estudantes dos 8<sup>os</sup> anos, mesmo que suas experiências cotidianas pautassem uma descrença contínua de seus colegas compreenderem e engajarem nas brincadeiras propostas, o sentimento e assunção de que era necessário reconhecer os saberes dos colegas e “acreditar no potencial de ser mais” destes tornou-se maior do que qualquer tentativa de descredibilização.

*N.I: Vai dar errado isso*

*E1: O que que vai dar errado?*

*N.I: Porque é assim (...)*

*E1: A gente tem que apostar que vai dar certo, a gente tem que acreditar...*

*Lua: A gente tem que acreditar no ser mais deles.*

É relevante destacar que em uma das ações educativas anteriores a este momento, foi realizada a discussão de trechos e conteúdos da obra de Paulo Freire que subsidiaram nossas práticas, e como fruto desta vivência, a concepção de *ser mais* foi adequadamente apropriada pela participante na discussão citada acima. O autor entende que a prática dialógica parte do pressuposto de que os homens (e mulheres) são históricos, inacabados e inconclusos, e por estarem inseridos em uma realidade que também é histórica, esta torna-se passível de ser modificada. Compreendendo este ponto, os sujeitos iniciam um movimento de busca dirigida ao *ser mais*, que sendo uma “vocalização histórica e ontológica” (Freire, 2020a, p.58) dos seres, é correspondente a humanização permanente dos indivíduos, que não se realiza no isolamento mas sim na comunhão e na solidariedade das existências que também buscam *ser mais* (Freire, 2020a). A partir da apreensão e apropriação da situação que os limita como realidade histórica, compreendendo que esta pode ser transformada por eles através da busca permanente pelo direito de vivenciá-la, acreditar no *ser mais* é antes de tudo ser humilde para reconhecer que se conhece algo, mas não se conhece tudo. É conceber a ideia de que todos possuem conhecimentos os quais podem ser somados e multiplicados e serão produtores de novos saberes que irão transformar a si e ao mundo.

### **3.2.3 O amor/amorosidade**

Para Freire, sem amor, não é possível haver o diálogo. O amor, como fundamento deste, significa agir com uma postura amorosa através do comprometimento e compaixão com a causa dos homens (e mulheres), e assim empenhar-se, sem apropriação da luta dos oprimidos, pela transformação do mundo (Freire, 2020a).

O processo de construção de amorosidade se manifestou de forma bilateral com o comprometimento crescente com o processo da intervenção. Se por um lado a equipe se dedica ao planejamento, a pontualidade, ao cuidado com a construção de um ambiente mobilizador do diálogo, por outro os adolescentes foram progressivamente demonstrando o seu

comprometimento. Assim, a amorosidade pôde se concretizar a partir de atitudes simples, passíveis de serem observadas em comportamentos relativos à disponibilidade dos adolescentes para participar das intervenções fora do horário de aula; e a contribuição com as atividades propostas pelos mediadores, seja com suas atentas participações como ouvintes, na expressão de suas opiniões ou na confecção de materiais que seriam utilizados nas ações educativas.

Assim como as atitudes descritas acima, algumas demonstrações que poderiam passar despercebidas, mas foram notadas e destacadas pela equipe tornaram a experiência do Projeto progressivamente amorosa. De forma espontânea, os adolescentes assumiram o compromisso de chegar no horário e não faltar aos encontros, trajaram-se com a “camisa do Projeto” - como forma de deixar claro o sentimento de pertencimento a um grupo -, como também estiveram sempre atentos e prestativos a auxiliar os extensionistas em qualquer momento, seja no carregamento de materiais até o local do encontro, seja na disposição de fazer a arrumação da sala sem quaisquer solicitações.

*Diário de campo – E4: “Ao chegarmos na escola e subirmos para a sala que comumente nos reunimos, nos deparamos com uma cena bastante emocionante e significativa. A sala já estava arrumada como normalmente a equipe de pesquisadores a organiza, com as cadeiras em meia lua e as bancas dispostas uma sobre a outra. Nossos adolescentes fizeram a organização do espaço espontaneamente, sem haver pedidos ou quaisquer ordens ou normas dadas e feitas.”*

Para além das atitudes supracitadas, a amorosidade se fez presente também na progressiva mudança de comportamento durante as reuniões semanais. Inseridos em um cotidiano permeado pelo contexto pós-pandêmico em que o celular se fez cada vez mais presente em suas rotinas - para o contato entre pares e desempenhar seus papéis como estudantes -, os adolescentes que antes dividiam suas atenções entre as atividades do encontro e a navegação nas redes sociais, passaram a não utilizar seus celulares de forma a pontuarmos, em diários de campo, um notável comprometimento da maioria dos participantes de estarem presentes “por inteiro” durante os vários momentos de discussão:

*Diário de Campo – E3: “Partindo para o planejamento do evento com o grupo, o comprometimento deles ficou ainda mais evidente. Não identifiquei conversas sobre outros assuntos e o celular também quase não foi utilizado e quando foi, aparentemente, não foi usado para distração, pois a aluna logo o guardou e se manteve concentrada na discussão”*

Indicadora de maturação frente ao compromisso de transformar o mundo e ser transformado por ele, a autonomia (e a sua promoção) se caracterizam como elemento essencial da prática dialógica para busca da humanização individual e coletiva e para a assunção das responsabilidades advindas de comprometer-se com essa transformação (Freire, 2020b). O envolvimento com as atividades do Projeto não impulsionou somente o surgimento de posturas amorosas as quais perpassaram as experiências vividas, mas também potencializou nos adolescentes o sentimento de que, apesar das circunstâncias adversas, era possível modificar os paradigmas que atravessavam os seus cotidianos.

Segundo Freire (2020b) é através da conquista da autonomia que os seres humanos vão desprendendo-se de um lugar de dependência, dão vazão a sua liberdade e consolidam o compromisso de transformar a realidade vivida. Gontijo e Santiago (2020) refletem que a Terapia Ocupacional discute e compreende a autonomia não somente como um conceito, mas também como um objetivo e princípio ético a ser alcançado em suas intervenções. De acordo com as autoras, o diálogo entre os fazeres da Terapia Ocupacional e o referencial Freireano pode contribuir para o aprofundamento da apreensão do significado de “ser sujeito” na vida cotidiana sob a ótica da concepção de autonomia, pois “a autonomia enquanto realização de escolhas em relação às ocupações vai ao encontro da condição de sujeito em busca de sua humanização” (p.8).

Baseado na prerrogativa do comprometimento com as responsabilidades recorrentes da crença e catalisação das possibilidades de mudanças, apreende-se que esta postura compromissada com a transformação pode se relacionar com os

constructos presentes na Carta de Ottawa (WHO, 1986). Em sua escrita, o documento preconiza dentre os seus 5 campos de ação o desenvolvimento de habilidades pessoais vitais para que os indivíduos possam entender as dimensões que envolvem a autogerência da saúde e suas inter-relações. Neste íterim, as estratégias propostas pelos profissionais enquanto promotoras de saúde devem, de modo geral, viabilizar o incentivo ao resgate e construção da autonomia e emancipação dos sujeitos em prol do acesso as condições individuais e coletivas a saúde (Salci *et al.*, 2013).

### 3.2.4 A Confiança

Permeado e fundado no amor, na humildade e na fé, o diálogo se constitui como uma relação horizontal. E a partir de ações dialógicas de fato, se tem como resultado dessa tríade o estabelecimento da confiança. A confiança, segundo Freire (2020a), vai fazendo com que os sujeitos dialógicos se tornem “cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” (p.113). É produto da catalisação de ações e palavras verdadeiramente amorosas, em que os sujeitos se sentem seguros para compartilhar seus testemunhos reais, sem apreensão ou medo de julgamentos.

Através do estabelecimento de uma relação entre adolescentes e equipe, que foi cultivada, encontro a encontro, por meio da realização de escutas respeitadas, afetivas e atentas às diversas individualidades presentes na coletividade durante a execução das atividades, a confiança pôde se materializar de forma sutil.

Em dinâmicas conjuntas que envolviam equipe e adolescentes reunidos em grupos ou subgrupos, as mediações procuravam oportunizar espaços para que todos pudessem se expressar a sua maneira: por palavras, gestos ou até mesmo expressões faciais, em um movimento de tornar o espaço confortável através de palavras de afirmação para sinalização de que aquele era um espaço de fala livre e sem impedimentos, convocando mais perguntas ou respeitando a postura daqueles que eram mais reservados, ainda que estimulando estes adolescentes a participarem das discussões. Além desses aspectos, era essencial que todos pudessem se expressar e também escutar o que o colega tinha a dizer.

Desse modo, criamos um ambiente seguro e de respeito mútuo, fazendo com que os adolescentes passassem a considerar e consolidar o projeto, nomeado coletivamente de “TamoJunTO”, como uma rede de apoio a saúde mental, pois os pesquisadores ainda que “adultos”, eram pessoas que os escutavam atentamente e não proferiam julgamentos:

*“(...) E3: O tamo junto ajuda a saúde mental dos adolescentes?*

*Vênus: É muito bom conversar*

*E3: Porque vocês...*

*N.I: É que a gente tá conversando sobre assuntos...que importam, que a gente quer falar com pessoas que devem falar (...)*

*N.I: A gente tá falando com pessoas que não vão julgar a gente.”*

Araújo *et al.* (2022), Gontijo *et al.* (2023) e Masson *et al.* (2020) destacam que é essencial aos profissionais da saúde desenvolverem habilidades para além do tecnicismo requerido para a atuação cotidiana, constituindo-se ao longo de sua trajetória profissional como sujeitos empáticos para promoverem um acolhimento adequado aos participantes das ações, propiciando a construção conjunta de ambientes que sejam provedores de conforto, confiança e segurança para a exposição de opiniões e compartilhamento de angústias e questionamentos. A criação e manutenção de espaços em que os adolescentes percebam que é possível ter suas colocações ouvidas e consideradas, é imprescindível para que o processo de aprendizagem mútua seja efetivo e viabilize a possibilidade dos participantes fazerem correlações entre suas experiências de vida e o conteúdo trazido pelos mediadores. Koehler, Gonzales e Marpica (2021) ressaltam que a consolidação desses ambientes potencializa o olhar dos adolescentes no tocante ao respeito as diferenças e do cuidado com o bem-estar individual e coletivo, fazendo com que a partir do compartilhamento de suas experiências e sentimentos, os sujeitos possam pensar e desenvolver maneiras de lidar com as questões que os afligem na esfera pessoal e subjetiva.

Como posto por Freire (2020b), é papel do mediador reforçar a capacidade o de pensar certo, de ser curioso e insubmisso as injustiças e desumanização do mundo. O ato de ensinar não se esgota na apresentação simplória do significado de um objeto, pelo contrário: “se alonga a produção das condições em que aprender criticamente é possível” (p.28). Nesse contexto, entendemos que a presença da confiança nas nossas intervenções não diz respeito unicamente a formação de vínculos afetivos em decorrência da afinidade entre membros de um grupo, mas sim pela criação de um ambiente propício ao aprendizado, que envolveu a valorização dos saberes de todos, a escuta das necessidades que requerem resoluções e o reforço a empatia e resiliência perante os desafios que se apresentavam.

### 3.2.5 A Esperança

Presente na “essência da imperfeição dos homens” (Freire, 2020a, p.113), a esperança se constitui da eterna busca pela humanização e transformação do mundo. No entanto, essa busca não se dá no isolamento, muito menos de forma estática, mas sim, na comunicação e na coletivização das ações. Sendo o diálogo o encontro dos homens para ser mais, a esperança acontece através da ação, da movimentação e luta dinâmica no combate às opressões (Freire, 2020a).

Conforme discutido ao longo do trabalho, a partir da investigação temática, criou-se o movimento de incentivo a construção de ações promotoras de saúde mental e também de aprofundamento teórico no tema junto com os adolescentes. Sendo assim, desenvolvemos, em pelo menos 2 encontros (detalhados no Apêndice I), grupos de estudo sobre os fatores que influenciam positiva e negativamente a saúde mental dos adolescentes. Com a associação dos conhecimentos já trazidos pelos participantes e o que foi compartilhado nos subgrupos, o momento era de reflexões acerca do que poderia ser feito e idealizar quais seriam as intervenções possíveis de serem executadas e adaptarem-se ao cotidiano escolar.

A partir disso, formulamos, adolescentes e equipe, intervenções que expandiram o escopo do projeto, sendo estas a criação de conteúdos educativos para as redes sociais sobre autocuidado, de uma enquete sobre saúde mental com os alunos da escola, de uma playlist com músicas que remetessem a sentimentos positivos e a realização de 2 eventos presenciais, sendo um voltado para todas as séries presentes na escola e o outro, apenas para os 8ºs anos (reunidos na Figura 2):

*“Savannah: A gente poderia fazer um evento para juntar vários estudantes”*

*“Vênus: Antes da gente fazer algo na escola, a gente pode procurar saber o que eles acham da escola.”*

**Figura 2** – Materiais e ações criados e executados pelos adolescentes.



Fonte: Autoria Própria (2024).

Consonante ao que é narrado por Freire, a esperança não se faz apenas esperando, mas sim agindo sobre as problemáticas que incidem as realidades daqueles que sofrem com elas (Freire, 2020a). Tendo em vista o cenário presente na escola, os adolescentes além de refletirem sobre as repercussões do adoecimento psíquico e como mitigá-lo, puderam através deste aprofundamento teórico apresentar a comunidade escolar os conceitos, alternativas e estratégias possíveis para um cuidado em saúde mental e em um movimento de quebra da restrição da vivência ‘‘exclusiva’’ para os participantes do projeto, tornaram as informações disponíveis para todos que faziam parte da dinâmica escolar.

De acordo com a OMS (WHO, 2022), é na escola que se efetivam estratégias para a construção de habilidades que auxiliam adolescentes e jovens na manutenção da saúde mental. Sendo potencializadoras do pensamento crítico e da autoconsciência, as ações educativas que ocorrem nesse contexto são essenciais para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, tais como o incentivo a resolução de problemas e o exercitamento da empatia e resiliência no enfrentamento das problemáticas do cotidiano que atingem esta faixa etária.

### 3.2.6 O pensar crítico

O pensar crítico é gerado a partir do entendimento de que a realidade não é estática, ou seja, torna-se ou é passível de mudanças, pois os indivíduos passam a percebê-la como um processo que se constitui e reconstitui de forma constante (Freire, 2020a). Para o pensar crítico, é imprescindível a transformação permanente da realidade para que a humanização também seja permanente. Se no processo educativo não há a geração do pensar crítico, apreende-se que não há comunicação nem mesmo educação verdadeira, pois, como afirma o educador, ‘‘somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo’’ (Freire, 2020a, p.115)

Em busca de tencionar discussões que pudessem gerar reflexões sobre as situações-limite vivenciadas pelos estudantes, a equipe buscou materializar o pensar crítico enquanto planejava as intervenções - elencando temas e estratégias que pudessem incentivar questionamentos, identificações e o expressar das percepções acerca dos personagens e/ou elementos das atividades - como também nos momentos de execução destas, em que se observava, através dos discursos dos próprios adolescentes, que suas conclusões eram as respostas para as perguntas que os mesmos tinham feito em determinados momentos.

Seguindo este movimento, os participantes apontaram comportamentos presentes em pessoas próximas ou em figuras de autoridade, questionavam tais posturas mas também assumiam a replicação destas, refletindo sobre o que justificava a retroalimentação desse ciclo e o que poderia ser feito para a solucionar os impactos dessas atitudes no dia a dia. Além disso, através dos momentos de reflexão crítica, os adolescentes identificaram quais os causadores das situações-limite vivenciadas por eles e suas repercussões, citando a escola, a pandemia do covid-19, hábitos e estilos de vida, o uso do celular e a relação com os pais, professores e familiares como atores principais da manutenção dos fatores de risco a saúde mental.

*‘‘E5: Eu vi alguém falando assim ‘não tenho saúde mental’. Porque?’’*

*Lua: Acho que ninguém aqui tem*

*(...)*

*Sol: Tudo depressivo, tudo lélé das ideias*

*E5: Porque? (...)*

*Vênus: A pandemia agravou bastante’’*

*‘‘E5: (...) O que vocês acham que prejudica a saúde mental do adolescente?’’*

*Sol: Muita coisa tia*

*Saturno: Acho que ficar muito tempo no celular*

*Lua: Eu acredito que o que prejudica é a comparação que os adolescentes faz, a pressão dos pais nas coisa Sol: A sobrecarga da escola ‘‘*

*‘‘Savannah: (...) Ficar sempre no celular, no computador, mal conversa com a família.’’*

*‘‘Vênus: (...) Coisas físicas também influenciam, a gente acha que assim, saúde mental não tem nada a ver com o corpo com tudo, e é muito ao contrário. Eu vi que uma menina falando assim, o corpo é feito pra aguentar tudo já o psicológico não. Ai tipo, sono e outras coisas elas ajudam bastante, mas a gente acha que não’’*

Na fase inicial das nossas intervenções, o panorama presente nas reuniões era de perceptíveis autorresponsabilizações e justificativas ‘‘culposas’’ dos adolescentes sobre os próprios sentimentos, situações e sensações vividas em seus cotidianos, onde os participantes banalizavam os seus estados mentais e externavam seus sofrimentos através de piadas e/ou *memes* advindos da internet.

*Diário de campo – E4: ‘‘No encontro passado, notei que falas e piadas sobre o estado de saúde mental neste grupo (que fiquei mediando junto a E5) foram recorrentes e ditas com muita naturalidade (...)’’*

*Diário de campo – E3: ‘‘Algo que eles costumam fazer com frequência, e nesse encontro não foi diferente, são piadas em meio a relatos difíceis, sendo possivelmente uma forma de lidar com o problema que muitas vezes já passou a ser normalizado (...)’’*

Com o desenvolvimento de atividades que buscaram favorecer nos adolescentes o exercício da apreensão dos fatores fundantes das realidades vividas e que influenciavam suas concepções de saúde e saúde mental – através de grupos de estudo, leituras em conjunto e debates em grupos e subgrupos - , mas também que impulsionassem, por meio do incentivo a criatividade, do protagonismo e da autonomia, e sobretudo acreditando no potencial de *ser mais* de cada um dos presentes, os adolescentes passaram a compreender a ‘‘razão de ser’’ dos desafios que enfrentavam e porque alguns fatores (as relações de poder) os reforçavam e eram tão influentes nas percepções e considerações que faziam a si mesmos. Dessa forma, os participantes, formulando e passando a crer nas possibilidades de agir frente as iniquidades latentes, puderam refletir quais as ações passíveis de transformarem os contextos e relações vigentes.

Neste sentido, ao longo dos 4 meses de intervenção voltadas a promoção de saúde mental, pudemos escutar diversos relatos os quais muitos destes estavam permeados pela ansiedade, pelo medo, por ideias fatalistas de que nada nem ninguém poderiam mudar o contexto em que viviam e por sentimentos de insegurança e insuficiência consigo mesmos, causados, pelo que compreendemos durante a captação dos dados, pela vivência de um adolecer sem as transições e condições esperadas já que a maioria dos nossos membros saíram do Ensino Fundamental 1 (5º ano) para o Ensino Fundamental 2 (6º ano) no auge da pandemia do covid-19. Por conseguinte, os adolescentes vivenciaram um contexto em que as escolas municipais do Recife ofertavam suas atividades somente no modelo remoto através de aulas online, e conseqüentemente, em razão da consolidação deste modelo de relação com o contexto escolar, os adolescentes passaram a lidar com obstáculos relacionados ao atendimento das expectativas típicas da adolescência, principalmente no tocante a formação de grupos de amizade – que podem ser consideradas redes de apoio a saúde mental –, ao desbravamento de novas experiências e sensações e ao estabelecimento de uma comunicação aberta e efetiva entre os pares.

Com o andamento das ações educativas e o conseqüente envolvimento dos participantes na vivência, preparação e execução das atividades, os sentimentos prevaletentes que antes eram causadores de sofrimento deram lugar ao otimismo, esperança e crença que as dinâmicas vigentes poderiam ser transformadas através da formação de uma rede de apoio sólida. No encontro final do projeto, que contou com a escuta das opiniões e avaliação dos adolescentes acerca da experiência em sua totalidade, os mesmos relataram que o ‘‘TamoJunTO’’ além de proporcionar encontros divertidos e descontraídos, foi um dos impulsionadores do desenvolvimento de autoestima, autoconfiança e resiliência:

*“E1: De que serviu participar do projeto pra vocês?”*

*Vênus: Uma terapia e autoconhecimento (...) Falar sobre saúde mental.*

*E1: Mas além disso, vocês aprenderam alguma coisa no projeto?*

*Adolescente: Aprendi a ser mais autoconfiante*

*Vênus: Acho que compreender melhor a gente mesmo, né. E também aumentou a minha autoestima.*

*Lua: E a se expressar né, por que tipo assim... (...) se a pessoa chegar e falar assim "Ah, porque você não vai conseguir" Eu sei que eu consigo (...) se alguém falar: "Ah, por que vai ser difícil, você não vai conseguir... não sei o que", aí eu pego e falo assim: "E é? O Tamo Junto falou que eu consigo!"*

As ações promotoras de saúde mental, segundo a OMS (WHO, 2022) devem ser realizadas com vistas ao fortalecimento de competências, conhecimentos e atitudes ligadas as habilidades socioemocionais que influem diretamente em seus estilos de vida. Auxiliando adolescentes na formulação de alternativas que podem lhes proteger das iniquidades que põem sua saúde mental em risco, a elaboração de práticas educativas que considerem e valorizem tais aspectos são essenciais para potencializar a capacidade dos indivíduos de gerenciar, de forma resiliente, confiante e esperançosa, os possíveis estressores que surgirão ao longo da vida.

As considerações dos adolescentes não permaneceram somente na percepção dos avanços relativos aos aspectos socioemocionais, sendo pontuadas por tais que o projeto também oportunizou a ampliação do conhecimento acerca dos elementos relativos a saúde mental na adolescência. Em reflexões redigidas nos diários de campo dos extensionistas, os mesmos atestam a ocorrência de um progresso em relação a produção de conhecimentos, pois ao recordarem das respostas que eram dadas no início das intervenções sobre as concepções de saúde mental que os adolescentes possuíam, e compararem com as respostas que estavam sendo expostas no momento da avaliação, atestaram que havia uma importante diferença entre os dois panoramas:

*Diário de Campo – E3: “As respostas que foram dadas demonstram um amadurecimento, a partir do que foi discutido nos encontros, explicaram da forma deles, mostrando que o que vimos foi de fato assimilado a partir das experiências vividas dentro da sala e relacionadas com experiências e conhecimentos que eles já tinham antes de chegarmos.”*

*Diário de Campo – E4: “ (...) as respostas foram surgindo e a disparidade entre o que me recordava de termos como respostas no início do projeto e as que captamos neste dia do grupo focal de fechamento era bem perceptível, pois até mesmo palavras como ‘resiliência’ (conceito apresentando durante as discussões sobre saúde mental) surgiu entre as respostas dadas.”*

Além das mudanças relacionadas aos pontos supracitados, os membros do projeto “TamojunTO” também passaram a acreditar em um potencial inestimável de transformação, tanto do ponto de vista individual, quanto coletivo. Enquanto agentes das ideias e efetivações destas, os adolescentes engajaram-se nas atividades crendo, mesmo que não percebessem, no potencial de alcance e (re)criação que a consolidação das ações educativas poderia catalisar em si mesmos, identificando, inclusive, mudanças de comportamento relacionadas ao aprimoramento da escuta, melhorias na forma de se comunicar, criar e estabelecer relações afetivas, entre outras:

*“E1: (...) o jeito que hoje vocês estão conversando entre vocês, é igual ou é diferente do início?”*

*Vênus: Totalmente diferente*

*E1: Por quê?*

*Cinderela: Tem uma boa comunicação*

*E1: Como assim, Cinderela?*

*Cinderela: Sei não, ficou melhor do que antes.*

*E1: Mas e o jeito de falar, vocês acham que tá igual ou diferente?*

*Vênus: Eu senti que assim, ainda um pouquinho melhorou bastante”*

Como posto por Freire (2020a) é a partir da compreensão e reflexão das situações vividas e suas influências nos fazeres cotidianos que os indivíduos passam a questionar as razões das iniquidades estabelecidas, sendo estas denominadas de

“situações-limite”. As situações-limite são descritas como “dimensões concretas e históricas de uma dada realidade” (Freire, 2020a, p.125), ou seja, são os desafios que incidem sobre os indivíduos e impulsionam os “atos-limite”, que fazem com que os indivíduos sejam encorajados a seguir no caminho da superação e da negação do que foi consolidado como uma realidade permanente.

Entendendo que o pensar crítico implica essencialmente em um agir crítico (Freire, 2020a), em uma caminhada progressiva rumo ao desvelamento dos empecilhos a humanização dos sujeitos, a consolidação dos *inéditos viáveis* se deu como resultado de um processo que estruturou-se coletiva e criticamente. Se antes os adolescentes categorizavam seus pensamentos, vivências e opiniões como banais, os mesmos passaram a tonalizar o cenário de intervenção com concepções mais otimistas e esperançosas, o qual foi tomado pela crença na efetividade das ações que estavam sendo desenvolvidas por todos e por visões mais amorosas de si mesmos (e por consequência, da adolescência em si), elencando assim os problemas presentes e as soluções possíveis de serem concretizadas.

Segundo o autor, as situações-limite não são geradoras por si só de um clima de desesperança e descrença, mas a percepção que os indivíduos tem delas em um dado momento histórico (Freire, 2020a). Portanto, através da instauração da percepção crítica e da efetivação de ações que vão contra os fatores desumanizantes e alienadores, desenvolve-se um clima de esperança e confiança que leva os sujeitos a se empenharem na superação dos obstáculos ao *ser mais*, pois no momento em que as situações-limite são percebidas não mais como “uma fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser” (Freire, 2020a, p.130) os indivíduos tornam-se e se fazem cada vez mais críticos, vislumbrando as possibilidades de alcance e efetivação dos inéditos viáveis.

Os inéditos viáveis significam as soluções e ações possíveis de serem realizadas dentro de um contexto específico (Freire, 2020a). São ideias, geradas por meio de uma caminhada cheia de reflexões e questionamentos entre os envolvidos nas ações educativas, que tornam-se ações concretas, capazes de impulsionar pequenas e grandes mudanças, sejam elas estruturais e/ou comportamentais de um grupo ou instituição.

A concretização destes inéditos viáveis para os 8<sup>os</sup> anos aconteceu ao longo das ações que foram desenvolvidas, onde os adolescentes, junto a equipe extensionista, apontaram as estratégias para a principal situação-limite vivenciada, a qual estava relacionada ao cuidado em saúde mental e suas perspectivas transversais, que envolviam o autocuidado, a formação de uma rede de apoio, a comunicação e suas relações familiares e afetivas, o uso das redes sociais, entre outras. Para isso, formularam-se ações de núcleo (que envolviam somente os participantes da Extensão) aliadas as ações coletivas, que contavam com o envolvimento de toda a comunidade escolar, citadas na Figura 1 e minuciadas no Quadro 2, citado anteriormente.

### **3.3 “Tem que acreditar no processo, né.”: reflexões sobre a vivência prática da dialogicidade na graduação**

A vivência das práticas educativas não se fez transformadoras somente para os adolescentes, mas também para os membros da equipe do projeto de extensão. Dentre os que estavam desde o início das ações (em fevereiro de 2022) até os que marcaram sua participação a partir do mês de agosto, as compreensões e aprendizados advindos do contato com as nuances do referencial Freireano oportunizaram reflexões que foram além do processo formativo esperado para os futuros terapeutas ocupacionais envolvidos nas atividades do projeto.

Ao longo da execução das práticas, mas sobretudo na reunião de síntese e finalização das ações, os extensionistas categorizaram alguns pontos que foram essenciais para o aprimoramento da sua formação. Segundo relatos, a vivência prática da dialogicidade foi transformadora em diversos aspectos, pois foi incentivadora da manutenção da união, empatia e da solidariedade para se trabalhar em equipe de forma harmônica:

*“E5: (...) é saber trabalhar em grupo e perceber as necessidades do grupo, de tipo, se E6 não tá bem, se ela tá precisando de ajuda, saber se colocar no lugar dela (...), a gente resolve, se divide entre si e tá tudo bem.”*

A assunção de uma postura comprometida e consciente da intencionalidade do porque de se estar atuando também foi um dos aspectos pontuados pela equipe extensionista. Acreditar que as atividades seriam bem recebidas e geradoras de reflexões críticas foram fatores essenciais, desde o planejamento dos roteiros de problematização até dos recursos que seriam utilizados, pois isto culminou na compreensão e consequente concepção de que para se trabalhar com adolescentes promovendo saúde mental, era necessário ‘acreditar no processo’: comprometer-se com a preparação para a atuar e desempenhar uma postura paciente, consciente e resiliente diante os desafios que dali viriam.

*“E1: (...) Eu acho que uma coisa é não perder a intenção, a intencionalidade. Para além de conteúdo, é o porque que você está ali, essa intencionalidade. Que mais?*

*E4: Saber seus limites? De hoje não tô legal pra conduzir, hoje não tenho cabeça o suficiente para conduzir...*

*E2: Ou até não estar bem mesmo*

*E1: Então exige se preparar né?*

*E4: Isso, exige preparação*

*E1: Exige competência.”*

*“E7: Tem que acreditar no processo, né.”*

Para além da ‘crença no processo’, a experenciação da dialogicidade Freireana proporcionou aos pesquisadores reflexões sobre a necessidade de investimentos, os quais estiveram relacionados ao oferecimento do aporte necessário para o entendimento das demandas que nos eram repassadas pelos adolescentes. Lidar com um panorama de sofrimento psíquico exigiu, além de investimentos nos âmbitos afetivo, cognitivo e emocional, a adoção de uma postura que fosse, primordialmente, provedora de acolhimento e potencializadora da esperança, tanto para os adolescentes quanto para os extensionistas:

*“E1: (...) Eu acho que é investimento afetivo, é investimento cognitivo, emocional... É investimento”*

A priorização do ‘fazer com’ também esteve presente nas conclusões dos discursos proferidos. De acordo com os graduandos, um dos fatores essenciais para o estabelecimento de uma prática dialógica era a necessidade de que as dinâmicas aplicadas fossem promotoras da reflexão crítica, mas também confortáveis de serem vividas. Priorizando a construção e execução de práticas que não fossem oferecidas de qualquer jeito, durante os momentos separados para o planejamento, estivemos em um constante processo de questionamentos acerca do teor e das formas que os adolescentes iriam participar das atividades, preocupando-se com a sua aplicabilidade e capacidade de adaptação, pois, ‘é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática’ (Freire, 2020b, p.40).

Ou seja, era primordial que as experiências oferecidas não perpetuassem a ideia do ‘fazer para’, como uma mera apresentação de conceitos e palavras, mas sim do ‘fazer com’, que diversas vezes foi levado a literalidade, pois os extensionistas também vivenciaram algumas das atividades desenvolvidas, não somente desempenhando o papel de mediadores. Dessa forma, o entendimento desse fazer incluiu a percepção de que o repasse e efetivação do conteúdo programado buscava não somente catalisar representatividades, mas também propiciar o surgimento de reflexões conjuntas e do envolvimento ativo dos adolescentes nas ações educativas, abusando de elementos comuns ao cotidiano dos nossos participantes junto a ludicidade e descontração:

*“E5: Acho que tem que ser confortável, não sei se é essa a palavra (...) É... que eles não se sintam com vergonha de fazer aquilo, muitas vezes a gente ficou tipo “será que eles vão realmente querer fazer isso?” aí tinham coisas que a gente pensava primeiro...”*

*E7: (...) Muitas vezes vocês participaram das dinâmicas... Essa participação do facilitador na dinâmica...*

*E1: Participava no sentido de brincar também junto, né? (...)*

*E7: Isso*

*E1: (...) Então tem que ser uma experiência de fazer com*

*E4: É, fazer com''*

Freire (2020b) discorre sobre a necessidade de se estar em constante reflexão sobre o fazer prático, caracterizando como primordial para a superação das desumanidades o movimento de eterna busca pelo aprendizado. O profissional, ao respeitar seu processo de aprendizagem junto aos educandos e mover-se na direção da reinvenção de suas práticas e aprimoramento dos seus conhecimentos, fomenta o pensar certo e impulsiona o desenvolvimento de uma curiosidade que perpassa a ingenuidade e o senso comum. Como observado nos trechos acima, os membros da equipe investiram na procura e na revisitação de concepções relacionadas as demandas dos adolescentes para que estas pudessem ser atendidas integralmente, ressaltando seu compromisso para além dos campos citados. Enquanto profissionais em formação, apreende-se que a própria experiência com a Pedagogia Freireana foi impulsionadora deste movimento de busca, já que o estabelecimento de relações com tal referencial pôde expandir pontos de vista acerca dos caminhos possíveis de intervenção para a Terapia Ocupacional, reflexão já discutida por Gontijo e Santiago (2020).

#### **4. Conclusão**

A realização de práticas de promoção de saúde mental com adolescentes subsidiadas pelo referencial de Paulo Freire abarca consigo preceitos fundamentais para que sua efetivação fosse bem sucedida. Dotadas de amor, fé, humildade, amorosidade e culminando no pensar crítico, compreende-se que a presença dos pressupostos dialógicos foram essenciais para que os adolescentes se sentissem protagonistas não somente de um processo educativo que buscou somar conhecimentos diversos acerca da saúde mental, mas também propiciou aos indivíduos alternativas para efetivação do autoconhecimento, para geração da resiliência, empatia e sobretudo criticidade frente às iniquidades que influenciam seus cotidianos.

Além disso, apreende-se que atuar na promoção de saúde mental com e para adolescentes é um desafio a ser compreendido sob a ótica da esperança. Como exposto ao decorrer da escrita deste artigo, buscar o entendimento genuíno das demandas e necessidades que afligem o cotidiano de tal população não é tarefa fácil, mas também não é impossível de ser efetivado se há a utilização consciente de referenciais que auxiliem neste processo. Desenvolver ações educativas pautadas no diálogo significam mais do que dar espaço a uma metodologia ativa e participativa, é também dar vazão a crença de que todos os envolvidos nas intervenções podem transformar sua realidade e também ser transformados por ela enquanto seres da práxis que buscam ser mais.

É importante ressaltar que a vivência freireana esteve presente em todos os aspectos: desde os planejamentos até as consequentes reflexões geradas pelas atividades que neles estavam contidas. Enquanto fundamento das atividades e das estratégias efetivadas, os recursos utilizados nas intervenções e a pontuação da sua presença, apesar de não serem descritos detalhadamente nesta pesquisa, serão melhor discutidos em outro artigo que está sendo produzido e será publicizado em breve. Ademais, a experiência vivenciada pôde proporcionar à equipe o reconhecimento de que a Terapia Ocupacional, ao relacionar-se com metodologias que coadunam com o entendimento e reconhecimento dos fatores que influenciam e perpassam as existências para melhor compreendê-los e agir sobre os tais, pode desenvolver técnicas, estratégias e recursos que expandam o escopo de atuação da profissão. A realização de parcerias intersetoriais, que no caso do projeto executado foi com a escola, mostrou-se como um potencial a ser permanentemente perpetuado, em razão das diversas possibilidades de intervenção que surgem a partir da inserção destes profissionais no ambiente que, para os adolescentes, é o principal contexto de criação de novas relações e precursor do entendimento do mundo e suas nuances.

Sugere-se que para trabalhos futuros, a metodologia formulada e consolidada por Paulo Freire seja profundamente

estudada e difundida como possível para ser utilizada com maior frequência em pesquisas do campo da saúde, sobretudo relacionadas a Terapia Ocupacional e a promoção de saúde mental com adolescentes. Pois, além da experiência narrada ter concretizado a efetividade do uso da dialogicidade como o principal subsídio de prática, como afirmado no parágrafo anterior, é primordial que as áreas de conhecimento que estudem as relações e existências humanas coadunem com métodos e estratégias que busquem compreender e catalisar a compreensão dos fatores que influenciam e circundam a vida cotidiana de adolescentes, sobretudo no período pós-pandêmico.

## Agradecimentos

Agradecemos especialmente e principalmente aos adolescentes do 8º ano da Escola Municipal participante do estudo, que nos deram a honra da sua presença amorosa nos encontros do projeto dos meses de março a novembro de 2022. Sem o comprometimento de cada um, nada seria possível. Estendemos também os agradecimentos as demais membras da equipe extensionista, Marina Maria Teixeira e Mayelle Marinho, que com suas ilustres contribuições estiveram presentes nas discussões e ações em fases diversas do projeto.

## Referências

- Aguiar, A. C. I. A., et al. (2021). A Comunicação Não Violenta (CNV) como instrumento de promoção da saúde mental no contexto escolar. In M.C. Zago (Ed.), *Saúde Mental no Século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico* (pp. 1-14). Editora Científica Digital.
- Araújo, A. M., & Muñoz, N. M. (2020). A promoção à saúde na experiência de jovens promotores da saúde. *Psicologia em Estudo*, 25(7), 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.46795>
- Araújo, K. C., et al. (2022). Tecnologias educacionais para abordagens de saúde com adolescentes: revisão integrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35, 1-9. <https://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AR03683>.
- Assis, S. G., et al. (2020). O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(12), 4831-4842. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020>
- Balvin, N., & Banati, P. (2017). The Adolescent Brain: A second window of opportunity - A compendium (pp. 1-72). <https://www.unicef-irc.org/publications/933-the-adolescent-brain-a-second-window-of-opportunity-a-compendium.html>
- Barreto, A. C. O., et al. (2019). Percepção da equipe multiprofissional da Atenção Primária sobre educação em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72, 266-273. <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0702>
- Blakemore, S. J. (2019). Adolescence and mental health. *Lancet*, 393(10188), 2030-2031. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(19\)31013-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(19)31013-X)
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mis-39790>
- Brasil. Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024 (2024). Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. Brasília, DF. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm)
- Cavalcante, E. B. T. (2021). O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares. *Fronteiras*, 23(42), 196-215. <https://doi.org/10.30612/frh.v23i42.15814>
- Cerrón, M. M., et al. (2021). O desenvolvimento da autonomia em adolescentes com síndrome de Down a partir da pedagogia de Paulo Freire. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(8), 3019-3030. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021268.09322020>
- Faial, L. C. M., et al. (2016). Vulnerabilidades na adolescência: um campo oportuno para a prática da saúde: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 10(9), 3473-3482. <https://doi.org/10.5205/reuol.9571-83638-1-SM1009201636>
- Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT). (mar 2019). Occupational Therapy and Community Centred Practice. Recuperado de <https://wfot.org/resources/occupational-therapy-and-community-centred-practice>
- Freire, P. (2020a). *Pedagogia do Oprimido* (75ª ed.). São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2020b). *Pedagogia da Autonomia* (66ª ed.). São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, R. (2021). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: M.C.S. Minayo (Coord.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (5ª ed., pp. 7-95). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

- Gontijo, D. T., & Santiago, M. E. (2020). Autonomia e terapia ocupacional: reflexões à luz do referencial de Paulo Freire. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(1), 2-18. <https://doi.org/1047222/2526-3544rpto31474>.
- Gontijo, D. T., et al. (2023). What should we talk about? Contributions from Freirean Thematic Investigation in health education with adolescents. *Health Promotion International*, 38(6), 1-12. <https://doi.org/10.1093/heapro/daad160>
- Gontijo, D. T., & Santiago, M. E. (2018). Terapia Ocupacional e Pedagogia Paulo Freire: configurações do encontro na produção científica nacional. *Reflexão e Ação*, 26(1), <https://doi.org/10.17058/rea.v26i1.11667>.
- Koehler, S. M. F., Gonzales, N. G. P., & Marpica, J. B. (2021). A escola como promotora da saúde mental e do bem-estar juvenil: oficinas pedagógicas com adolescentes. *DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, (29), 168-185. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8075417>
- Kripka, R. M. L., et al. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Atas - Investigação Qualitativa em Educação*, 2, 243-247. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>
- Lamblin, M., et al. (2017). Social connectedness, mental health and the adolescent brain. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 80, 57-68. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.05.010>
- Laranjeira, R. P., et al. (2022). A presença de Paulo Freire no campo da educação em saúde com adolescentes e jovens: uma revisão do escopo. *Revista de Educação Popular*, 21(3), 71-96. <https://doi.org/10.14393/REP-2022-66953>.
- Maffeo, M. D. (2023). Del adultocentrismo a la autonomía progresiva: aportes del Trabajo Social para el abordaje de la Salud mental de las adolescencias. *Revista Debate Público: Reflexión de Trabajo Social*, 13(25). <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/debatepublico/article/view/9062>
- Marinho, M. T. (2023). As inter-relações entre o envolvimento ocupacional e a percepção de saúde na perspectiva de adolescentes. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.
- Masson, L. N., et al. (2020). A educação em saúde crítica como ferramenta para o empoderamento de adolescentes escolares frente suas vulnerabilidades em saúde. *REME - Revista Mineira de Enfermagem*, 24(1294), 1-7. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20200023>.
- Menezes, A. L. C., et al. (2023). Contribuições da comunicação não-violenta no ensino superior. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 7(1), 1575-1590. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rpto48603>.
- Monteiro, R. J. S., et al. (2018). DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2951-2962. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.127820181>.
- Padrão, M. R. A. V., et al. (2021). Educação entre pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva de álcool e outras drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2759-2768. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07322021>
- Salci, M. A., et al. (2013). Educação em Saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22(1), 224-230. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100027>.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveira, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 107-115. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveira, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.
- Souza, T. T., et al. (2021). Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2575-2586. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07242021>
- Souza, T. T., et al. (2022). A terapia ocupacional na promoção da saúde mental de adolescentes de uma escola pública. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 10(2), 388-398. <https://doi.org/10.18554/refacs.v10i2.6152>.
- World Health Organization (WHO), et al. (2019). Adolescent Health: The missing population in Universal Health Coverage (pp. 1-32). <https://pmnch.who.int/resources/publications/m/item/adolescent-health---the-missing-population-in-universal-health-cov>
- World Health Organization (WHO). (1986). Carta de Ottawa. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa: World Health Organization. [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)
- World Health Organization. (2022). World mental health report: Transforming mental health for all (pp. 1-272). <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>